UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
CURSO DE PSICOLOGIA

RUTE PEREIRA SEVERINO

THALYSON RAFAEL SOUZA PEDRO

A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO: UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

POUSO ALEGRE - MG

2024

RUTE PEREIRA SEVERINO

THALYSON RAFAEL SOUZA PEDRO

A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO: UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Monografia apresentada ao curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências da Saúde "Dr. José Garcia Coutinho", da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para aprovação no curso de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rezeck

POUSO ALEGRE - MG

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Severino, Rute Pereira.

A Influência da Espiritualidade no Caminho da Individuação: Um Olhar da Psicologia Analítica/ Rute Pereira Severino; Thalyson Rafael Souza Pedro – Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

34f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -. Universidade do Vale do Sapucaí, 2024.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Rezeck

1. Espiritualidade. 2. Individuação. 3. Religião. 4. Psicologia Analítica. I. Thalyson Rafael Souza Pedro. II. Título.

CDD – 150.1954

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa

CRB 6-3538

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

CURSO DE PSICOLOGIA

A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NO CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO: UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

RUTE PEREIRA SEVERINO

THALYSON RAFAEL SOUZA PEDRO

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia apresentado à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas, como exigência parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Banca Examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
FABIO REZECK
Data: 28/11/2024 09:37:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rezeck

Universidade do Vale do Sapucaí

Examinadora: Profa. Ms. Eveline Raquel de Oliveira Moura

Universidade do Vale do Sapucaí

Examinador: Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves

Universidade do Vale do Sapucaí

Aprovada em 06 de novembro de 2024.

Dedicamos essa monografia primeiramente a nosso Deus pai, aos nossos mestres e queridos professores que compartilharam seus conhecimentos nesses longos cinco anos. Ainda não podendo deixar de citar os analisandos "pacientes" que, desde o primeiro até o último atendimento nessa graduação, através dos vínculos formados, conseguimos trilhar as experiências para uma formação com raízes fortes, para seguir para um rumo frutífero.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos esse trabalho a Deus.

Agradecemos também imensamente aos nossos familiares, que são nossos alicerces, sem eles não chegaríamos aonde chegamos, e não seríamos quem somos hoje.

Não poderíamos deixar de agradecer também aos nossos professores e professoras, que constituíram parte essencial nessa jornada para a nossa formação. Gostaríamos de agradecer, em especial, ao nosso Prof. Dr. Fábio Rezeck, por ter aceito essa missão de orientador nesta pesquisa, contribuindo com sua sabedoria e conhecimento, além de sua paciência e comprometimento; seus ensinamentos foram para nós primordiais para a nossa formação. Também gostaríamos de agradecer em especial o nosso Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves, responsável por despertar ainda mais em nós a paixão pela psicologia analítica, e por todo seu conhecimento transmitido que contribuiu grandemente para nossa formação. Gostaríamos de agradecer também, novamente ao Prof. Drº. Victor Hugo Sampaio Alves, e a Profa. Ms. Eveline Raquel de Oliveira Moura, por ter aceito nosso convite para compor a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

E, não menos importante, um agradecimento especial aos nossos amigos "psicodoidos", com eles o processo com certeza foi mais leve. Vocês contribuíram para que, com muito custo, alguns dias bons e outros ruins, entre lágrimas e sorrisos, esse trabalho finalmente ficasse pronto e, por isso, somos muito gratos. Vocês são, com certeza, as amizades que iremos levar para a vida.

Agradecemos também a todos, que porventura não foram mencionados aqui, mas que fizeram parte dessa nossa jornada.

[...] Mas, depois de alguns dias
De discussões e fantasias,
Do casulo esquisito e ressecado
Surgiu um novo ser, maravilhoso e alado.
A lagarta oradora
Passara por ação renovadora;
Era agora uma grande borboleta
De asas amplas, em linda cor violeta,
A voar sobre as flores nas ramadas…
A ex-lagarta, Culta e materialista,
Sem querer, transformara-se...e foi vista
Pelas amigas deslumbradas
Na condição de um ser de expressão bela e fina...
Parecia uma leve bailarina
Dançando ao céu azul, sob luzes douradas.

(Maria Dolores – A lenda simbólica)

RESUMO

A psicologia analítica, criada por Carl Gustav Jung, tendo suas raízes na psicanálise, abriu um caminho próprio ao investigar conceitos como o inconsciente coletivo, arquétipos e o estudo dos símbolos, temas que são discutidos nesta monografia. A análise dessas temáticas nesta pesquisa se concentra na influência da espiritualidade para o processo de individuação sob uma perspectiva junguiana. Considerando então, a universalidade do inconsciente coletivo e dos arquétipos, representados pelos mitos, símbolos e sonhos e internalizados em todos os seres humanos, a relevância desse tema se faz necessário. Para demonstrar a grandeza e a importância desse fenômeno, serão apresentados através da teoria analítica de Jung dois grandes eixos que fundamentam este trabalho: a espiritualidade e o processo de individuação. Assim esta monografia procura lançar luzes sobre a influência da espiritualidade no processo de individuação, tendo por fundamentação teórica as ideias e conceitos elaborados por Jung e outros estudiosos pós-junguianos, cujas ideias atravessam vários caminhos, ora conduzindo para o mundo, ora levando para dentro do próprio universo.

Palavras-chave: espiritualidade; individuação; religião; psicologia analítica.

ABSTRACT

Analytical psychology, created by Carl Gustav Jung and having its roots in psychoanalysis, has paved its own path by investigating concepts such as the collective unconscious, archetypes and the study of symbols, themes that are discussed in this monograph. The analysis of these themes in this research focuses on the influence of spirituality on the process of individuation from a Jungian perspective. Considering then, the universality of the collective unconscious and archetypes, represented by myths, symbols and dreams and internalized in all human beings, the relevance of this theme becomes necessary. To demonstrate the greatness and importance of this phenomenon, two major axes that underlie this work will be presented through Jung's analytical theory: spirituality and the process of individuation. Thus, this monograph seeks to shed light on the influence of spirituality on the process of individuation, having as its theoretical foundation the ideas and concepts developed by Jung and other post-Jungian scholars, whose ideas traverse several paths, sometimes leading to the world, sometimes leading to the universe itself.

Keywords: spirituality; individuation; religion; analytical psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

2. A ESPIRITUALIDADE COMO CAMINHO 13

2.1 Reflexões sobre o conceito de espiritualidade 13

2.2 O inconsciente coletivo e a esfera espiritual 18

3. INDIVIDUAÇÃO COMO TRAVESSIA 23

3.1 Individuação na Psicologia Analítica Junguiana 23

4. A UNIFICAÇÃO DO ESPÍRITO AO CAMINHO 26

4.1 A individuação e sua relação com a espiritualidade 26

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM NOVO CAMINHO? 29

REFERÊNCIAS 32

1. INTRODUÇÃO

Desde os registros históricos mais antigos, até a contemporaneidade, o tema da espiritualidade é apresentado como um campo propício para estudos e debates. A pesquisa sobre esse tema também chama a atenção sobre o modo de vida e a maneira de agir e de pensar a própria existência, o que pode levar o ser humano a refletir sobre si mesmo. Com um vínculo entre a fé e a religião, a espiritualidade tem demonstrado seu valor histórico ao longo das civilizações.

Desde tempos imemoriais, aquilo que é chamado de mitos (as manifestações de narrativas maravilhosas) já tratavam justamente de tudo o que, muitas e muitas vezes, foi também objeto de fé. Os mitos sempre estiveram baseados em entidades sobre-humanas responsáveis por uma cosmogonia, cujos elementos dão origem tanto às coisas existentes quanto aos fatos da vida aos quais os seres humanos estão sujeitos (Eliade, 2020). A história humana tem buscado na fé e nos mitos um elemento de transcendência que seja capaz de decifrar o sentido da existência e da finitude, a sua influência no universo para aprimorar sua condição física e como recurso para enfrentar os desafios e sofrimentos, quer sejam físicos, éticos e/ou emocionais (Panzini; Bandeira, 2007).

Compreendida como uma dimensão constitutiva humana, a espiritualidade é caracterizada pela intimidade do indivíduo com algo maior, e assim, vinculando-se a extensão dos conceitos de religiosidade e religião, destacando-se uma visão holística do indivíduo. A religiosidade atrelada à ideia de espiritualidade se liga à noção pessoal, definida por Georg Simmel (apud CRP, 2016), como um "estado" ou "necessidade" interna. Nesse sentido,entende-se a importância da espiritualidade para o desenvolvimento da personalidade. Jung (2014 § 215) afirma que:

> A personalidade, no início, é raramente aquilo que será mais tarde. Por isso existe pelo menos na primeira metade da vida a possibilidade de ampliação ou modificação da mesma [...]. A verdadeira ampliação da personalidade é a conscientização de um alargamento que emana de fontes internas. Sem amplitude anímica jamais será possível referir-se à magnitude do objeto. Por isso diz-se com razão que o homem cresce com a grandeza de sua tarefa. Mas ele deve ter dentro de si a capacidade de crescer, senão nem a mais árdua tarefa servir-lhe-á de alguma coisa.

Na psicologia analítica, uma das vias para o caminho da individuação pode ser a espiritualidade, sendo ambos fatores primordiais para este estudo. A individuação, segundo Stein (2020) é uma jornada de autoconhecimento e realização pessoal a qual o indivíduo procura harmonizar seu consciente e inconsciente, buscando alcançar certo equilíbrio entre as diversas partes de si mesmo; esse processo é visto como fundamental para o desenvolvimento pleno do

potencial humano, no qual encaminha o sujeito para uma vida mais significativa e autêntica. Dentro desta perspectiva, entende-se como um processo de ampliação da consciência que permite o sujeito se conhecer melhor e tornar-se mais consciente de si. Samuels, Shorter e Plaut (1988 apud Vergueiro, 2008) afirmam que esse é o caminho para a pessoa tornar-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas ou da psique coletiva.

Ao relacionar a espiritualidade ao processo de individuação do ser humano, pretende-se suscitar que ela é um dos percursos que corroboram com a autodescoberta e consequente desenvolvimento do ser. Como parte dos estudos do indivíduo sobre si mesmo, e considerando-se a expressão da espiritualidade como um modo de manifestação íntima, este estudo procurou demonstrar como estes dois campos estão interligados. Esta proposta leva em conta a importância da espiritualidade para o ganho de autoconhecimento e maiores possibilidades para refletir sobre a vida e os processos envolvidos nessa jornada. Não é pretendido aqui atribuir sobre esse processo um sentido valorativo, como positivo ou negativo, bom ou ruim, mas demonstrar a existência de uma influência da espiritualidade e consequente mudança para o caminho da individuação.

Os temas da Espiritualidade e da Individuação estão divididos em capítulos e subcapítulos, a fim de apresentar um conteúdo mais bem estruturado e organizado para este entendimento. No primeiro capítulo foram elaboradas reflexões sobre a conceituação da espiritualidade, como: os elementos que a integram, suas manifestações, os rituais, a fé e, acima de tudo, sua influência como parte constitutiva da vida do indivíduo. Além disso, foi destacado também sobre o conceito de inconsciente coletivo, arquétipo, símbolo, e suas estreitas relações com a espiritualidade. No segundo, abordou-se sobre o processo de individuação com base na conceituação da teoria analítica junguiana e, consequentemente, sobre o Si-mesmo, conceito este primordial neste processo. O terceiro capítulo tratou o problema da confluência das duas temáticas principais deste trabalho, que são: a espiritualidade e a individuação. Como método de construção desse projeto, foi realizado um levantamento bibliográfico referente as temáticas utilizando de obras físicas e artigos científicos on-line. Em seguida, é apresentada as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. A ESPIRITUALIDADE COMO CAMINHO

2.1 Reflexões sobre o conceito de espiritualidade

A espiritualidade é uma característica singular e única do ser humano já presente desde os povos primitivos por meio de achados históricos e antropológicos. Trata-se de um tema arcaico, não no sentido de ser ultrapassado e extinto, mas como um memorial humano, uma verdadeira fonte disponível desde todas as épocas até hoje. Um dos autores que se dedicou aos estudos desses símbolos religiosos em diferentes civilizações e épocas foi Mircea Eliade[1] (1907 - 1986). Eliade foi responsável por popularizar o conceito do Mito do Eterno Retorno (2019), que trata a concepção de que o tempo é cíclico e sua repetição são elementos fundamentais em muitas religiões. Essa ideia está presente em diversas culturas e religiões ao redor do mundo, e Eliade a analisa sob uma perspectiva histórica, antropológica e fenomenológica.

Para tratar sobre espiritualidade é necessário fazer a constatação da conexão existente com a religião, pois de onde surge a espiritualidade senão do próprio ato religioso? Nesse sentido, é necessário reforçar que a espiritualidade não está atrelada aos elementos dogmáticos presentes em uma religião específica, mas constitui um elemento primordial no cerne das diversas religiões. Esta experiência se assemelha a um sentimento místico (contemplativo) com a função de impulsionar o ser para a completude. Apropriadamente, Jung (2012, § 6) assim explica o que entende por religião:

> Religião é - como diz o vocábulo latino *religere* - uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. De qualquer modo, tal como o *consensus gentium*, a doutrina religiosa mostra-nos invariavelmente e em toda a parte que esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo. O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que

[1] Mircea Eliade foi filósofo, escritor, romancista e historiador das religiões reconhecido mundialmente, nascido em Bucareste, Romênia. É considerado um dos mais importante e influente especialista em história e filosofia das religiões, ficou conhecido pelas pesquisas que empreendeu sobre a linguagem simbólica das diversas tradições religiosas. De uma família de cristãos ortodoxos, desde jovem se tornou poliglota, aprendendo o italiano, inglês, francês e alemão. Formou-se em filosofia pela Universidade de Bucareste (1928) onde defendeu uma tese de mestrado sobre a filosofia na Renascença italiana, de Marcilio Ficino a Giordano Bruno. Influenciado pelo humanismo na Renascença foi para a Índia onde estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá e ainda aprendeu o hebraico e o parsi. Também estudou as filosofias do sudeste asiático, sob a orientação do mestre Surendranath Dasgupta (1885-1952), professor emérito da Universidade de Calcutá e autor de 5 volumes sobre a história da filosofia na Índia, Motilal Banarsidass (1922-1955). Fonte: ELIADE, Mircea. Origens: História e Sentido na Religião. São Paulo: Edições 70, 1989.

> produzem uma modificação especial na consciência. Tal é, pelo menos, a regra universal.

Ao tratar o conceito de religião, Jung (2012, § 9) afirma que não se refere a uma determinada profissão de fé religiosa, mas acrescenta que a verdade em relação a toda confissão religiosa se funda na experiência do *numinoso.* Rudolf Otto (2024), ao cunhar o termo numinoso, o designa como uma experiência profunda e intensa, que transcende a compreensão racional e sensorial. É um sentimento de mistério e fascínio diante de algo infinitamente maior e mais poderoso do que o próprio indivíduo. Essa experiência é frequentemente descrita como divina ou sobrenatural, mas Otto enfatiza que ela não se limita a nenhuma religião específica, sendo um elemento que está vivo em todas as religiões. Tillich (1985, p. 13) referindo-se ao livro *O Sagrado,* de Otto, trata dos dois aspectos que compõe as religiões, por este nominado de *fascinosum* e *tremendum*, descrevendo ainda que:

> Ambos os aspectos se encontram em todas as religiões, pois em ambos o homem se defronta com aquilo que o toca incondicionalmente. O motivo para esse efeito duplo do sagrado fica claro quando entendemos a relação entre a experiência do sagrado e a experiência do infinito. O coração humano procura o infinito, porque o finito quer repousar no infinito. No infinito ele vê a sua própria realização. Nisso é que se baseia a atração extática e a fascinação de tudo que revela o infinito. Por outro lado, o homem experimenta simultaneamente a distância infinita entre o finito e o infinito, e com isso ele experimenta ao mesmo tempo o veredito negativo sobre todas as tentativas do finito de alcançar o infinito. O sentimento de ser aniquilado pela presença do divino é o que expressa mais profundamente a relação em que se encontra o homem diante do sagrado. E esse sentimento perpassa todo ato de fé legítimo e todo estar possuído em última instância.

Diante das numerosas instituições religiosas e de suas diferenças, dificilmente poderíamos descrever uma essência única. Essa ideia de amplitude é descrita por James (2017, p. 37) quando afirma que isso "basta para aprovar que a palavra 'religião' não significa nenhum princípio ou essência singular, mas é antes um nome coletivo". Nesse sentido, entende-se a religião como uma concepção complexa, não arbitrária, e composta de diversos elementos que a integram. Muito provavelmente não é encontrada uma essência única, senão muitos caracteres que podem ser, de forma distinta, igualmente importantes na religião. Ao questionar "qual a sua essência?", seriam obtidas respostas variadas entre pessoas de diferentes religiões, porém, providas de singular importância para sua composição, o que difere de um absolutismo e dogmatismo unilateral. Este mesmo autor enfatiza também a linha dual da religião, considerando a existência de uma vertente institucional e outra pessoal. A primeira destaca o movimento dogmático e a outra a experiência íntima do sujeito, ou seja, uma visa à divindade, o outro, o homem (James, 2017). Alves (2020) aponta em seus estudos diferentes óticas de análise sobre a religião por diversos autores, destacando em específico o teólogo Rudolf Otto e

o filósofo Gerardus van der Leeuw, que atribuíram a essência da religião à categoria do sagrado, elemento este presente em todas as religiões. Essa visão retrata sobre a ideia de uma universalidade do sentimento religioso, no qual diferencia de um enfoque etnocêntrico e evolucionista (ibid.).

Dentre as características das religiões, podemos destacar suas práticas ritualísticas. Em grande parte, as práticas ou rituais são executadas com a finalidade única de provocar deliberadamente o efeito do numinoso (Jung, 2012, § 7). Nesse sentido, a religião seria a expressão de uma atitude do espírito humano, que, de acordo com determinada experiência de natureza numinosa, resultaria em uma mudança na consciência (ibid.). Jung (2013b) descreve os rituais como manifestação excedente da libido ao tratar sobre *energia psíquica*, afirmando ainda tratar-se de processos religiosos de natureza simbólica. Portanto, pode-se considerar que "o termo 'religião' designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso" (Jung, 2012, § 9). Mediante a realidade do numinoso, James (2017, p. 59) descreve que:

> Se nos pedissem para caracterizar a vida da religião no sentido mais amplo e mais geral possível, poderíamos dizer que ela consiste na crença de que existe uma ordem invisível, e que o nosso bem supremo reside em ajustarmo-nos harmoniosamente a ela.

Junto ao entendimento dos elementos relacionados à religião é preciso também considerar a temática da fé, por se tratar de um constitutivo imprescindível a este tema. Para isso, Tillich (1985, p. 5) afirma, antes de adentrar mais a fundo nessa temática tão complexa e pouco compreendida, que a "fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente", ou seja, é estar tomado pelo incondicional. A fé, segundo Rezeck (2016), não é algo que se diferencia do existir, mas aquilo que de certo modo lhe dá propósito, que norteia o sujeito. É o ato mais íntimo do ser humano que torna possível a modelagem de novas experiências e situações cotidianas.

Para considerar o que seja a fé, sem contudo, almejar esgotá-la numa única definição, dada que é tarefa impossível, Tillich (1985) aponta sobre a integralidade, ou seja, a sua manifestação como um ato da pessoa como um todo, da pessoa inteira. Essa manifestação da integralidade da fé se dá através de um ato consciente concomitante a elementos inconscientes na estrutura do sujeito, ou seja, considera o sujeito em sua totalidade psíquica. Nesse sentido, os elementos inconscientes apenas participariam da manifestação da fé quando são movidos para o centro da pessoa e por ele impregnados. Mancuso (2014, apud Rezeck, 2016), concomitantemente, afirma que "a fé implica todo o ser humano porque avança para além da

própria inteligência, alcançando a vontade e o sentimento". Acrescenta ainda ser "algo que está num nível essencial do humano, mas também alcança as mais elevadas criações filosóficas, artísticas e mesmo científicas".

Por se tratar de um tema bastante complexo e singular, Tillich (1985, pp. 81-82) conclui em sua obra que o conceito de fé é difícil de se definir, pois com cada palavra que se descreve a fé, novos mal-entendidos surgem:

> Isso não poderia ser diferente, uma vez que a fé não é um fenômeno entre outros, mas sim a mais íntima preocupação na vida do homem como pessoa, sendo por isso manifesto e oculto ao mesmo tempo. Ela é religião e simultaneamente mais do que religião; ela é onipresente e concreta; ela é mutável e mesmo assim permanece sempre a mesma. Fé está inseparavelmente ligada com a natureza do homem, sendo por isso necessária e universal. Ela é o estar possuído incondicionalmente, e por isso ela não pode ser refutada nem pela ciência nem pela filosofia. Ela é possível, sim, até necessária em nosso tempo. Ela também não pode ser desvalorizada pela distorção supersticiosa ou autoritária de seu sentido dentro ou fora das igrejas, das seitas ou de movimentos ideológicos. A fé se justifica a si mesma e defende seu direito contra todos que a atacarem, porque ela só pode ser atacada em nome de uma outra fé. Este é o triunfo da dinâmica da fé: que toda negação da fé já é a expressão de fé.

Segundo uma forma de pensar mais clássica, a espiritualidade é compreendida como algo decorrente da atividade do espírito, vista como natural do ser humano, e que lhe é próprio (Vieira; Senra, 2020). Ademais, o indivíduo que busca por uma experiência voltada para o espiritual busca se conhecer melhor. Boff (2002, p. 56) destaca que a espiritualidade tem como função captar a profundidade do mundo, de si mesmo e de cada coisa, sendo ela derivada do espírito. Ainda acrescenta ser:

> Aquele momento pleno de nossa totalidade consciente, vivida e sentida dentro de outra totalidade maior que nos envolve e nos ultrapassa: o universo das coisas, das energias, das pessoas, das produções histórico-sociais e culturais. Pelo espírito captamos o todo e a nós mesmos como parte e parcela desse todo.

A espiritualidade, em sua consideração singular, "refere-se à busca pelo sagrado, pela vontade universal de celebração do mistério da vida e convida toda a constituição humana para a percepção única do viver, apresentando-o como uma meta possível, imediata" (Rezeck 2016, p. 16). "É ela que desencadeia uma busca pessoal pelo divino, por meio de experiências de vida ao indicar a procura por respostas que se mostrem suficientes às questões essenciais, como o sentido da vida" (Gimenes, 2002, p. 47).

Von Franz (2018, p. 23) aponta que, "a pior neurose não são os sintomas, mesmo que sejam muito desagradáveis, mas a pior neurose é ter o sentimento de que a minha vida não tem sentido". Durante essa procura de sentido, o indivíduo explora sua dimensão espiritual, permitindo-se buscar por uma realidade que o ultrapassa, e se conscientizando dessa dinâmica; isso destaca a relevância do aspecto espiritual na formação de um sentido de vida (Rodrigues;

Oliveira, 2024). A experiência religiosa, no entanto, faz parte da caminhada para uma vida repleta de sentido, na qual o indivíduo explora a força de sua dimensão espiritual (Coelho Júnior; Mahfoud, 2001).

Diferentemente de uma religião doutrinária ou crença específica, a espiritualidade, segundo Ellison (1983, p. 331 apud Mónico, 2022), representaria o:

> Conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material, com a suposição de que há mais no viver do que pode ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo a questões como o significado e sentido da vida, não se limitando a qualquer tipo específico de crença ou prática religiosa.

A espiritualidade, do latim *spiritus/spirare* (respiração, sopro, alma, vida), é o que "dá vida, animação, consciência, o que vai para além do corpo, o que nos relaciona com o divino" (Barros 2008, pp. 28 e 29). Rezeck (2016, p.16) constata que: "viver a espiritualidade seria a percepção do próprio espírito em atividade em meio a vivências com potencial para a produção de grandes mudanças na pessoa toda, conduzindo-a a sua integração primeira e à integração com os outros". Assim considerada, a espiritualidade pode ser tratada como uma busca existencial de significado, de autorrealização, e autotranscendência.

Diante deste ínterim, a espiritualidade é possível de ser entendida como a percepção do movimento do espírito, aquela parte mais intima em nosso ser e que nos toca incondicionalmente. É quilo que é próprio, que nos compõe em nosso âmago. É mistério e assombro, é parte do todo e o próprio todo. É o que dá sentido à existência frente ao abismo misterioso chamado vida.

2.2 O inconsciente coletivo e a esfera espiritual

O inconsciente coletivo é um dos conceitos basilares da psicologia analítica de Carl Gustav Jung e de grande complexidade conceitual. Segundo ele (2014a, § 87) nenhum de seus "conceitos encontrou tanta incompreensão como a ideia de inconsciente coletivo". Diferentemente do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo repousa em uma camada mais profunda e inata, que independe de experiências ou aquisições pessoais. Para exemplificar, Jung (2014a, § 88) faz a seguinte diferenciação:

> Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*.

O conceito de arquétipo, por sua vez, constitui um papel fundamental e "indispensável da idéia do inconsciente coletivo" (Jung, 2014a, § 89), sendo importante discutir a seu respeito. Para esse termo, Jung (2014b, § 102) afirma tratar-se "da manifestação da camada mais profunda do inconsciente, onde jazem adormecidas as imagens humanas universais e originárias", que existiram desde tempos mais remotos. Essas imagens são conteúdos que fazem parte do inconsciente coletivo e se manifestam por múltiplas facetas em diferentes mitologias, de civilizações e períodos históricos distintos. O entendimento de arquétipo se torna mais claro quando associado aos mitos, porém é importante diferenciar "arquétipo" de "imagem arquetípica" ou "ideia arquetípica", pois o arquétipo em si não possui forma ou imagem definida, mas pode ser entendido como a substância primordial ou núcleo que dá forma às diferentes manifestações mitológicas. Nesse sentido, os mitos são considerados como representações de temas arquetípicos, ou seja, referem-se a "imagem arquetípica" (Jung, 2014a). Compondo essa ideia, Chevalier (2022, p. 19) ensina que, "o que é comum à humanidade são essas estruturas constantes e não as imagens aparentes que podem variar conforme as épocas, as etnias e os indivíduos".

Sobre "imagens primordiais" ou "arquétipos", Jung (2013a) considera tratar-se de imagens e ideias que todos os seres humanos compartilham inconscientemente. Elas aparecem em mitos, sonhos, religiões e arte em todas as culturas, ainda também explica como os

gnósticos[2], que acreditavam que o conhecimento espiritual era o caminho para a salvação. Seus textos e símbolos estão cheios desses arquétipos, que, segundo Jung, mostram verdades profundas do inconsciente coletivo. Para eles também os símbolos e ensinamentos gnósticos ajudam a entender melhor como o inconsciente funciona e como essas imagens universais influenciam na experiência religiosa e espiritual (Jung, 2013a).

Tendo por base essas considerações se faz necessário salientar o papel expressivo que os símbolos possuem para os arquétipos, pois a expressão destes se dá através de imagens simbólicas. Chevalier (2022) escreve que os arquétipos se expressam por meio de símbolos específicos repletos de potência energética, nos quais desempenha um papel considerável que propulsiona e unifica o sujeito na evolução de sua personalidade. Vidal (2024, p. 17), em sua explanação, descreve que:

> As imagens conduzem ao que chamamos imagens primordiais ou ainda arquétipos. É a linguagem que a psicologia do profundo Jung consolidou. Com arquétipo deseja-se indicar uma marca primordial e por marca primordial se entende um impulso; este termo é fundamentalmente dinâmico. Portanto, em favor de uma função biologizante, o símbolo seria capaz de relacionar tudo o que diz respeito a um 'nós', a uma verdadeira atração universal interior. Não haveria apenas uma atração universal externa, aquela que Newton nos fez conhecer e cujo efeito em nossa terra é a gravidade. Haveria algo de análogo também no ser humano, ou seja, uma atração universal. Todos os objetos, transformados em imagens da consciência, seriam atraídos por alguma fonte fundamental em nós, por alguma marca, por algum arquétipo. Um conhecimento preciso desses impulsos ou marcas primordiais nos permitiria uma reorganização em nosso mundo interior.

Como afirmado anteriormente, os mitos são considerados representações de temáticas arquetípicas, nesse sentido, possuem papel fundamental para representações das imagens primordiais. Chevalier (2022, p. 19) alega que "os mitos apresentam-se como transposições dramatúrgicas desses arquétipos" que condensam numa multiplicidade simbólica. Em relação análoga, Eliade (1964, apud Chevalier 2022, p.19) vê no mito o "modelo arquetípico para todas as criações, seja qual for o plano no qual elas se desenrolam: biológico, psicológico, espiritual.

---

[2] O movimento gnóstico refere-se a uma ampla e diversa corrente religiosa e filosófica que surgiu nos primeiros séculos da era cristã. Ele é caracterizado pela crença em uma forma de conhecimento secreto ou esotérico (gnose), que seria a chave para a salvação. Os gnósticos acreditavam que o mundo material foi criado por um deus menor, chamado Demiurgo, que era imperfeito ou maligno. A verdadeira divindade, por outro lado, estaria além do universo físico, e o ser humano precisaria transcender a matéria para se unir a essa realidade espiritual superior. Os gnósticos viam a alma humana como uma centelha divina aprisionada no corpo e no mundo material. A salvação, segundo o gnosticismo, vinha através do autoconhecimento e da compreensão da natureza divina do próprio ser. Eram conhecidos por reinterpretar as tradições judaico-cristãs, por vezes de forma radical, rejeitando a autoridade das igrejas organizadas. In: Jonas, H. (2001). *The Gnostic Religion: The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity*. Beacon Press (MA), 2001.

A função mestra do mito é a de fixar os modelos exemplares de todas as ações humanas significativas".

Apesar de sua importância para a vida do sujeito, Tacey (2022, pp. 356-357) retrata que o mito tem se perdido devido ao literalismo, no qual satisfaz as instituições religiosas, mas não a alma ou o espírito. Ainda o mesmo autor afirma que "os mitos devem ser separados de suas associações históricas e vinculados ao coração humano; no atual clima dogmático, os mitos estavam morrendo por não serem entendidos como órgãos vivos da alma", ou seja, por não serem compreendidos em si mesmos.

Entende-se que os símbolos têm uma importância não só para os arquétipos, mas para todo um modo de expressão e internalização humana, evocando aquilo que não pode ser expresso por meios racionais, mas como algo que toca o humano profundamente em sua subjetividade. Nesse sentido, Chevalier (2022, p. 11) refere-se ao símbolo como àquele que revela os segredos do inconsciente, e que "abrem o espírito para o desconhecido e o infinito". Analogamente, Vidal (2024, p. 9) destaca que "a experiência simbólica toca profundamente o ser humano; ela lhe permite abrir-se, contrair uma aliança, descobrir o mistério e a contemplação". Por sua vez, Lalande (1976, apud Vidal, 2024, p. 9) afirma que "o símbolo é qualquer signo concreto que evoca, numa relação natural, algo ausente ou impossível de perceber".

Ao tratar sobre o "símbolo", Tillich (1985, p. 30-31) é categórico, enfatizando que quem utiliza esse termo precisa explicar o que ele quer dizer com isso, apontando cinco características para explicar sobre este conceito. A primeira delas é que o símbolo indica algo que está fora dele, o que leva a mais uma característica: o símbolo faz parte daquilo que ele indica. A terceira característica é que o símbolo leva a níveis de realidade que, se não por ele, permaneceriam inacessíveis. A quarta característica do símbolo "está em que ele abre dimensões e estruturas da nossa alma que correspondem às dimensões e estruturas da realidade", ou seja, o símbolo tem a capacidade de revelar profundezas ocultas do próprio ser. Ainda sobre esta última característica, afirma que "existem aspectos dentro de nós mesmos dos quais apenas podemos conscientizar através dos símbolos". A quinta e última característica apontada por ele é de que os símbolos não podem ser inventados ou criados; eles provêm do inconsciente pessoal ou coletivo. Além disso, possuem vida própria, eles surgem e desaparecem em determinadas épocas conforme as solicitações coletivas de cada tempo.

Pouco ou quase nada pode-se acrescentar sobre a definição de símbolo, sendo ele inesgotável, e no entanto, tão essencial para o espírito humano. O símbolo vai para além do

significado, caso contrário seria apenas um signo artificial e convencional; ele é mais do que isso, porque por si só já é um caminho para aquilo que ele indica (Vidal, 2024). “O símbolo traz em si tanto o significado quanto o caminho” (Morel, 1979, p. 40 apud Vidal, 2024, p. 10).

Adentrando a espiritualidade e sua relação com os símbolos**,** entende-se que são fatores de grande importância que a humanidade tem como herança desde as mais antigas civilizações. Os mitos, ritos, crenças e religiões trazem ao homem um sentimento de conexão com o “numinoso”. É de Tillich (1985, p. 32) a expressão que diz que “aquilo que toca o homem incondicionalmente só pode ser expresso simbolicamente”. Com essa afirmação, o autor retrata a importância da experiência simbólica para o sujeito, sendo aquilo que não é possível ser expresso em sua totalidade de modo verbal e racional.

Para Jung (1927, p. 92 apud Chevalier, 2022, p. 23) “o símbolo nada encerra, nada explica – remete para além de si próprio, em direção a um significado também nesse além, inatingível, obscuramente pressentido, e que nenhum vocabulário da linguagem que nósfalamos poderia expressar de maneira satisfatória”. Do ponto de vista cultural, “a psicologia analítica procurou mediar os símbolos religiosos através da interpretação deles de uma maneiraque os tornassem acessíveis à perspectiva contemporânea” (Shamdasani, 1999 p. 6).

Vidal (2024, p. 10) especifica que “não existe nenhum símbolo que de algum modo não seja religioso”, não é porque as religiões requisitam o símbolo, mas devido ao símbolo ser portador de um anseio religioso, em sua maioria, maior do que o modo que as próprias religiões o praticam. Para as religiões, é imprescindível utilização da linguagem simbólica, que de outro modo não seria possível a transmissão de seus ensinamentos. Em composição a afirmação anterior, Tillich (1970 apud Vidal, 2024, p. 12) aponta que, “o verdadeiro símbolo não é um signo escolhido arbitrariamente; ele remete além de si mesmo, se oferece à contemplação, tem uma força intrínseca e uma dimensão comunitária. É essencial à vida religiosa da qual é o instrumento indispensável de expressão.”

Em sua origem, aponta Chevalier (2022, p. 21-22), que o símbolo é um “*objeto dividido em dois*”. É como “o hospedeiro e o hóspede, o credor e o devedor, dois peregrinos, dois seres que se vão separar por um longo tempo”. O símbolo separa e une, afirma Chevalier, acrescentando logo em seguida que, “todo símbolo comporta uma parcela de *signo partido*; o sentido do símbolo revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes separadas". Assim compreendido, Vidal (2024, p. 11) acrescenta que não seria tolerável essa ruptura se não soubesse da possibilidade de aliança, e essa aliança se dá, em última instância, com o Divino. Ainda prossegue, afirmando que:

> O símbolo celebra aliança. Descobrimos nos horizontes da nossa condição humana a certeza de que, se quisermos, todos podemos nos reconciliar. O ser humano está ligado ao todo para fazer a unidade enquanto o espírito tem condições de compreender. Uma voz vem do sagrado, do Totalmente Outro; Este Totalmente Outro do qual sei que o outro provém me deu o poder de retomar o mundo na unidade. O símbolo nos diz: "Se você quiser, pode promover a unidade do mundo… As religiões lhe mostrarão o caminho.

O Outro, mencionado acima, é "o sagrado", é a verdadeira fonte de força que surge quando se faz o esforço de viver o que existe em cada um. É preciso se dar conta, pois trata-se de consciência, de que existe uma realidade móvel, viva, anunciadora de uma luz. "É a presença de um Outro, irredutível a todos os outros". O sagrado "é uma força que se mostra misteriosa aos nossos olhos, e o é, mas se revela fundamental" (Vidal, 2024, pp. 16-17).

3. INDIVIDUAÇÃO COMO TRAVESSIA

3.1 Individuação na Psicologia Analítica Junguiana

C. G. Jung (1875 - 1961) é amplamente conhecido como o primeiro grande teórico da psicologia que aborda a continuidade da vida, por meio de um processo de desenvolvimento psicológico que decorre ao longo de toda a vida, o qual chamou de "individuação". É o processo pelo qual o indivíduo se torna o que potencialmente se é desde o início (Stein, 2023). Jung (2015) descreve esse processo como uma destinação do sujeito, no sentido de ser um processo natural que o leva para este caminho. A individuação é descrita como o processo de "tornar-se único, na medida em que por 'individualidade' entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*". Dessa forma, a individuação pode ser traduzida como "'tornar-se si-mesmo' (*Verselbstung*) ou 'o realizar-se do si-mesmo' (*Selbstverwirklichung*)" (Jung, 2015, § 266). Stein (2020) acrescenta que este é um processo em que a pessoa se torna consciente de si mesmo, no qual passa a integrar diferentes aspectos de sua personalidade para desenvolver um senso de identidade completo e único. É "tornar-se uma personalidade unificada, mas também única, um indivíduo, uma pessoa indivisa e integrada" (Stein, 2006, p. 156).

Quando se fala em individuação muitos podem se confundir equivocadamente atribuindo vínculo ao "individualismo". Mediante isso, é necessário fazer uma distinção para melhor compreensão das diferenças. Individualismo significa dar enfoque deliberado a supostas peculiaridades, sendo estas opostas a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa de modo mais preciso uma realização mais completa das qualidades coletivas do ser humano, é a consideração adequada das qualidades individuais, e não o seu esquecimento, fator este determinante para um melhor rendimento social (Jung, 2015). Nesse sentido, entende-se que o individualismo está mais ligado às questões do ego, com enfoque naquilo que tem benefício para a vontade do sujeito, mas que não manifesta uma mudança na psique. Já a individuação pode ser entendida como uma mudança significativa do sujeito, porém, diferentemente do individualismo, ela provoca mudança que reflete tanto no sujeito quanto no coletivo. Ainda em Jung (2015, § 268), em conformidade ao entendimento de coletividade, destaca-se que:

> Entretanto, na medida em que o indivíduo humano, como unidade viva, é composto de fatores puramente universais, é coletivo e de modo algum oposto à coletividade. A

> ênfase individualística de sua própria peculiaridade representa, pois, uma contradição frente a este fato básico do ser vivo. A individuação, pelo contrário, tem por meta a cooperação viva de todos os fatores. Mas como os fatores universais sempre se apresentam em forma individual, uma consideração plena dos mesmos também produzirá um efeito individual, que não poderá ser superado por outro e muito menos pelo individualismo.

Stein (2020) retrata que esse "conceito se relaciona diretamente ao desenvolvimento psicológico, uma vez que envolve a diferenciação da psicologia coletiva, permitindo que o indivíduo se desenvolva como uma entidade única e diferenciada do todo". Essa afirmação não significa que a individuação é se isolar do coletivo, pelo contrário, ela intensifica a consciência coletiva para promover uma conexão mais profunda e significativa com o coletivo (ibid.).

Hall (2022) argumenta que a individuação representa a manifestação do potencial inato da pessoa, sendo mais uma busca por objetivos do que um local de descanso. O ego, ao longo desse processo, deve frequentemente superar suas próprias imagens, o que pode ser uma experiência dolorosa, já que se identifica com essas imagens, levando a respostas sempre mutáveis à pergunta sobre a própria identidade.

É importante destacar que no processo de individuação há uma grande consideração da vida onírica do sujeito. Von Franz (2020, p. 211-212) enfatiza a importância de considerar que os sonhos possuem uma tendência reguladora que gera um processo imperceptível e lento de crescimento psíquico (o processo de individuação). A esse processo, acrescenta que:

> Surge, gradualmente, uma personalidade mais ampla e amadurecida que, aos poucos, torna-se mais consciente e perceptível mesmo para outras pessoas. Como o crescimento psíquico não pode ser efetuado por esforço ou vontade conscientes, e sim por um fenômeno involuntário e natural, ele é frequentemente simbolizado nos sonhos por uma árvore, cujo desenvolvimento lento, pujante e involuntário cumpre um esquema bem definido.

A árvore cumpre uma função simbólica essencial para o entendimento desse processo. Von Franz (2020, p. 213) retrata sobre esse símbolo de modo análogo ao processo de individuação assertivamente, afirmando que:

> A semente de um pinheiro contém, em sua forma latente, a futura árvore; mas cada semente cai em determinado tempo, em um determinado lugar, no qual intervém um determinado número de fatores, como a qualidade do solo, a inclinação do terreno, a sua exposição ao sol e ao vento etc. A totalidade latente do pinheiro reage a essas circunstâncias evitando as pedras, inclinando-se em direção ao sol, modelando, enfim, o crescimento da árvore. É assim que um pinheiro começa, lentamente, a existir de fato, estabelecendo sua totalidade e emergindo para o campo do real. Sem a árvore viva, a imagem do pinheiro é apenas uma possibilidade ou uma abstração. E a realização dessa unicidade no indivíduo é o objetivo do processo de individuação.

No homem (Von Franz, 2020), esse processo ocorre, de modo análogo, de maneira espontânea e inconsciente, assim como em qualquer ser vivo. É um processo que subsiste de

forma inata na natureza humana, porém em sentido estrito, esse processo só é real se o indivíduo estiver consciente dele, mantendo uma ligação viva. Não se sabe se o pinheiro tem consciência desse processo, mas o homem é capaz de atuar de maneira consciente no seu desenvolvimento, com uma cooperação ativa para o seu processo de individuação.

Mencionado no início deste capítulo, o *Si-mesmo* é considerado a característica mais fundamental de toda a visão de Jung e, portanto essencial ao processo de individuação. Stein (2006, p. 137-138) aponta que, para Jung, o Si-mesmo é transcendental, isto é, "não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido, define-o". "É a personalidade global que não pode ser captada em sua totalidade" (Jung, 2013a, § 9).

Jung (2013a) afirma que o eu – o fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam – está para o Si-mesmo, subordinado a ele, assim como qualquer parte está para o todo. Nesse sentido, "o *Si-mesmo* pode ser caracterizado como uma espécie de compensação do conflito entre o interior e o exterior" (Jung, 2015, § 404), formando "base para o que no sujeito existe de comum com o mundo" (Stein, 2006, p. 138).

O Si-mesmo é um arquétipo, o mais importante para a atual compreensão do sujeito, em termos estruturais, pode se afirmar que ele é o centro de toda a psique (Jung, 2013a). Para defini-lo melhor, Jung (2015, § 399) descreve:

> Dei a este ponto central o nome de *si-mesmo* (*Selbst*). Intelectualmente, ele não passa de um conceito psicológico, de uma construção que serve para exprimir o incognoscível que, obviamente, ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreender. O s*i-mesmo* também pode ser chamado de 'o Deus em nós'. Os primórdios de toda nossa vida psíquica parecem surgir inextricavelmente deste ponto e as metas mais altas e derradeiras parecem dirigir-se para ele. Tal paradoxo é inevitável como sempre que tentamos definir o que ultrapassa os limites de nossa compreensão.

Como coordenador de toda a psique, o si-mesmo é reconhecido como aquele que guia o sujeito para a individuação. Possui papel fundamental na jornada do autoconhecimento de cada indivíduo. Assim como Jung (2015) descreve, é o incognoscível, pois sua totalidade ultrapassa todas as capacidades para compreendê-lo. No entanto, ainda que incompreensível, é um conceito primordial e propulsor de mudanças que possui características do Divino.

4. A UNIFICAÇÃO DO ESPÍRITO AO CAMINHO

4.1 A individuação e sua relação com a espiritualidade

Após as reflexões sobre os diversos conceitos em relação a espiritualidade e a individuação, caberia a indagação: Haveria alguma correlação entre elas? Em uma carta destinada a P. W. Martin[3], Jung (1973 apud Stein, 2020, p. 41) confirma o significado da experiência numinosa para a psicologia analítica:

> Sempre me pareceu que os verdadeiros marcos eram certos acontecimentos simbólicos caracterizados por um forte tom emocional. Você tem toda razão, o principal interesse do meu trabalho não está no tratamento de neuroses, mas na abordagem do numinoso. O fato é que o acesso ao numinoso é a verdadeira terapia, e, na medida em que você vive experiências numinosas, fica livre da maldição da patologia. A própria doença assume um caráter numinoso.

Como descrito em capítulos anteriores deste trabalho, o numinoso tem um papel central nas religiões, "é a vivência que o ser humano tem dos fatores sobrenaturais de toda ordem que, agindo sobre seu estado psíquico geral, fazem surgir nele uma atitude religiosa" (Eliade, 1989, p. 38). Na obra de Jung há um volume dedicado ao tema do si-mesmo e do simbolismo que estão associados a ele, chamado *Aion: estudo do simbolismo do si-mesmo*[4]. Em uma parte do texto, sobre o cristianismo, existe a referência a Jesus como *principium individuationis* (a fonte da individuação), comparando-o, simbolicamente, ao si-mesmo "como homem histórico, Cristo é único, como Deus, é universal e eterno. Como individualidade, o si-mesmo é único e singular, mas como símbolo arquetípico é uma imagem divina e, consequentemente, também universal e 'eterno" (Jung, 2013a, § 116).

Existe uma universalidade da experiência do numinoso (*numinosum*), e de objetos numinosos vivenciados pela humanidade, tendo sido experiencialmente constatadas por Rudolf Otto, levando-o à construção de sua obra *O Sagrado* (Stein, 2020). A numinosidade é um meio de expressar as próprias vivências, onde existe um sentimento de estar mais próximos do divino, exercendo influência nas doutrinas e dogmas que as religiões propagam de maneira geral ao

---

[3] Fundador do International Study Center of Applied Psychology [Centro Internacional de Estudo de Psicologia Aplicada] em Oxted, Inglaterra. Fonte: STEIN, M. Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa. São Paulo: Editora Cultrix, 2020.

[4] "O título do livro é inspirado pela antiga religião do mitraísmo, onde Aion é o nome de um deus que governa o calendário astrológico e, por conseguinte, o próprio tempo. O título sugere, assim, um fator que transcende o contínuo tempo/espaço que rege a consciência do ego". Fonte: STEIN, Murray. Jung: o mapa da alma: uma introdução. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, p. 142.

longo dos anos. Uma vivência "numinosa" permite uma integração mais profunda consigo mesmo. Esta vivência não teria um efeito no Eu, promovendo uma maior integração para a consciência, promovendo uma sensação de união consigo mesmo ou até mesmo uma vivência de individuação? Seria possível que um estado levasse a outro? Em outras palavras, quando a pessoa vivencia o "numinoso", na verdade está experimentando uma experiência conhecida atualmente como espiritualidade (Alencar et al., 2021).

O termo *espiritualidade* deriva do latim spiritus, que se traduz como "sopro", fazendo alusão ao sopro vital. Também se define *espiritualidade* como a habilidade do indivíduo de estabelecer conexões consigo mesmo, com os demais e com um ser superior, a habilidade de ultrapassar a si mesmo, ao tempo e ao espaço (Alencar et al., 2021). No processo de individuação, von Franz (2020, p. 214) constata que "sua experiência subjetiva sugere a intervenção ativa e criadora de alguma força suprapessoal. Por vezes, existe a sensação de que o inconsciente está guiando de acordo com um desígnio secreto". A autora continua descrevendo que, "é como se estivesse algo nos olhando, algo que não vemos mas que nos vê – talvez o Grande Homem[5] que vive em nosso coração e que, através dos sonhos, nos vem dizer o que pensa a nosso respeito". O Grande Homem, assim como *daimon* chamado pelos gregos, ou ainda *alma-Ba* pelos egípcios (ibid.), é a manifestação do ser superior, do numinoso, do si-mesmo. Para Hall (2022), a individuação é um processo misterioso que levanta questões religiosas e de significado da vida.

O processo de individuação, como descreve Jung (2013a), é uma jornada espiritual para realizar o si-mesmo, é o processo que une os aspectos internos e externos. Espiritualidade não é só sobre religião, mas sim uma conexão profunda com toda a psique. Os símbolos religiosos vêm do inconsciente coletivo e são importantes para a experiência espiritual. Esses símbolos ajudam a conectar o ego ao si-mesmo, integrando diferentes partes da psique. Assim, espiritualidade e desenvolvimento psicológico são indissociáveis. A busca espiritual é uma busca por equilíbrio e harmonia interna, refletindo a totalidade do si mesmo. Shamdasani (1999, p. 6) acrescenta que:

> Em um nível individual, a cura na psicoterapia consistia, em última análise, em encontrar ou recuperar uma atitude religiosa. Isso poderia ser por meio do retorno a um aspecto de crença ou filosofia específica ou através do processo de individuação.

---

[5] O Grande Homem (*Mista'peo*) é como os índios naskapi chamam a voz interior que lhes aparece nos sonhos. Quanto mais prestam atenção aos seus sonhos e testam a verdade e seus significados, mais estreita se torna seu relacionamento com o Grande Homem. Fonte: VON FRANZ, Marie-Louise. O Processo de Individuação. In: O Homem e seus Símbolos. C. G. Jung (org). Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
.

> Este último seria possível ao voltar-se para a função criadora de símbolos do inconsciente.

Por sua vez, Xavier (2006) afirma que mediante aos pressupostos sobre a dinâmica psíquica implícita a cada experiência religiosa, foi possível verificar uma relação estreita com a psicoterapia analítica, pois sendo o seu objetivo o confronto de materiais inconscientes diante uma assimilação consciente, é possível que haja um determinado ponto em que ocorra a manifestação de imagens de natureza arquetípica com toda a carga numinosa que as caracteriza. A integração dessas imagens prossegue e produz dois efeitos principais, sendo: dar sentido à própria vida e suas experiências, e a produção de fé e esperança sobre a capacidade autossustentável do Eu.

Em sua biografia, Jung (2013a) afirmava que não fazia nenhuma profissão de fé, ou que redigia obras tendenciosas, mas que retratava sobre o modo pelo qual seria possível compreender certas coisas à luz da consciência moderna, coisas que considerava dignas de serem compreendidas e que manifestamente corriam o perigo de serem tragadas pelo abismo da incompreensão e do esquecimento, coisas, afinal, cuja compreensão muito contribuiria para remediar o desnorteamento daquilo que se referia à concepção das coisas, iluminando os desvãos e subsolos do mundo psíquico. Jung (2013a § 347) afinal, cita Clemente de Alexandria, como um recurso à experiência de seu trabalho quando retrata que: "...A maior de todas as doutrinas consiste, na minha opinião, em conhecer-se a si mesmo. De fato, quando o homem se conhecer a si mesmo, conhecerá também a Deus".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM NOVO CAMINHO?

Percebe-se a importância desse estudo por se tratar de processos responsáveis por provocar mudanças na vida do sujeito, mudanças estas que o encaminham para um conhecimento melhor de si mesmo. Tanto a espiritualidade quanto a individuação possuem objetivos em comum que impulsionam o ser humano para uma destinação de transcendência, ou seja, para uma conexão com algo além, algo superior, que transcende, isto é, o *numinoso*. Nos estudos da psicologia analítica, principalmente nas obras de C. G. Jung, foi possível identificar uma conexão estreita com questões de ordem numinosa.

Como considerado acima por Stein, Jung é conhecido como o primeiro grande teórico da psicologia a abordar sobre a continuidade da vida, denominado por ele como processo de individuação. É um processo muito estreito com a espiritualidade, tendo esta última o objetivo principal de levar o ser humano à transcendência, isto é, levar o sujeito a se conhecer para além daquilo que se é, ou tornar-se aquilo que verdadeiramente é, o que também é o foco da individuação. Nesta concepção, pode se afirmar que se trata de um processo de transformação.

Para a psicologia analítica entender esses processos, ainda que minimamente, é algo bastante complexo, pois não se trata de um entendimento racional. O próprio Jung (2012b) afirma que a psique em sua totalidade está longe de ter seu domínio acessível ao conhecimento geral, ele acrescenta que em sua atividade prática não passa um só dia sem que se defronte com algo novo e inesperado. Entende-se que, diante toda sua complexidade, a psique continua sendo um grande mistério que ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreender de modo racional, e nem é pretendido torná-la como uma compreensão racional, pois reduziria em muito tudo aquilo que o ser humano é, e tudo aquilo em que pode se tornar.

Jung considerou de extrema importância em seu trabalho a utilização de arquétipos, mitos e símbolos que fazem parte do inconsciente coletivo, compondo papel essencial para a psicologia analítica, pois somente através deles que são possíveis as expressões de tal ordem superior. Os símbolos para Jung retratam sobre uma ordem Divina, sendo responsável por tocar o ser humano profundamente. De modo simbólico, Jung retrata sobre a importância do papel do *si-mesmo* para a psique, descrevendo como o seu centro e possuidora de caráter Divino, o *si-mesmo* e o *numinoso*, trata-se no entanto, de conceitos análogos.

O si-mesmo, arquétipo central da psique, é referido por Jung como um conceito psicológico de uma construção que serve para exprimir o incognoscível, aquilo que ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreender. Ainda assim, possui papel central na psique, é responsável pela coordenação entre inconsciente e consciente e, consequentemente, a

individuação. O si-mesmo é o conceito primordial desse processo, no qual Jung o descreve como “o Deus em nós”. Para esta pesquisa, este é o ponto chave, é a referência análoga do numinoso ao si-mesmo, da espiritualidade com a individuação, do processo de transcendência, de se tornar quem verdadeiramente se é.

No entanto, não há a pretensão de reduzir o processo de espiritualidade, ignorando tudo aquilo que ela engloba para além da psicologia analítica. O contrário também é verdade, não é pretendido reduzir a psicologia analítica como um processo de espiritualidade, e desconsiderar todos os conceitos que ela engloba para além da esfera espiritual que aqui não foram mencionados. Portanto, o intuito desta pesquisa é o de evidenciar essa conexão, no qual uma não substitui a outra, mas que se complementam em determinadas esferas.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a espiritualidade e a individuação possuem determinado vínculo no qual ambas se complementam, porém sem que se anulem ou se reduzam uma à outra. São conceitos que estão para além das capacidades de compreensão em sua totalidade, sendo ao mesmo tempo fascinantes e carregadas de um profundo mistério, porémsem dúvida, elementos significativos e que provocam mudanças no indivíduo.

Existem diversas interpretações sobre a religiosidade e a espiritualidade. Em qualquer discussão sobre esse assunto, surge a difícil tarefa de definir uma definição precisa. Tentar estabelecer a distinção entre as palavras religião e espiritualidade resulta em um tema complexo, já que cada indivíduo possui sua própria definição de religiosidade.

O principal propósito do estudo foi entender sobre o vínculo da espiritualidade no processo de individuação sob a perspectiva da psicologia analítica e ampliar o panorama dessas duas temáticas (espiritualidade e individuação) a partir das contribuições da psicologia analítica e das obras de Carl Gustav Jung.

Um ponto importante a se destacar refere-se a “religião” enquanto entidade que aproxima o indivíduo da experiência numinosa, ou seja, uma expressão de espiritualidade. Dessa forma, é importante salientar que a utilização da palavra “religião” nesta pesquisa não se refere a religião enquanto instituição formalmente instituída, mas como algo que propulsiona o ser para aquilo que há de mais íntimo, a conexão, ou melhor, reconexão com o “numinoso”.

Esta pesquisa traz um fascínio devido ao seu grande mistério, e ao mesmo tempo, assim como Otto descreve, um assombro. Assombro esse por tentar alcançar o infinito com a finitude, de conceber a ideia da busca de tal conhecimento que está para muito além da capacidade humana, pois trata-se de uma ordem Divina, numinosa, de aspectos infinitos. A pesquisa permitiu conhecer muitos pontos valiosos deste universo, mas a sua vastidão do horizonte que

se descortinou abriu espaço para outros questionamentos. Ao final, restou a inquietação de algum dia, sob alguma circunstância se consiga atingir a compreensão de tal conhecimento em sua integralidade, ou, ainda, experienciar tal processo em sua totalidade? Só resta o empenho para continuar esse maravilhoso caminho chamado vida.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, L.L.T.V; JESUÍNO, F.M; SILVA, A.N; dos SANTOS, M.S. **A importância da Espiritualidade como construtora do processo de individuação.** Revista Pró-UniverSUS. 2021 Jan./Jun.; 12 (1): 94-99.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. **História das Religiões.** In: Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo. Johnni Langer (org.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

BARROS, J. **Psicologia do idoso.** Porto: Livpsic, 2008.

BOFF, Leonardo. **Crise.** Oportunidade de crescimento. Campinas: Verus, 2002. p. 56.

BRASIL. **Conselho Regional de Psicologia.** Volume 1: Laicidade, religião, direitos humanos e políticas públicas. São Paulo: CRP - SP, 2016.

CHEVALIER, J. **Introdução. In: Dicionário de Símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Chevalier, J. Gheerbrant, A. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2022.

COELHO JÚNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. **As Dimensões Espiritual e Religiosa da Experiência Humana:** Distinções e Inter-relações da Obra de Viktor Frankl. Psicologia USP, v. 12, n. 2, p. 95–103, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

_____. **O mito do eterno retorno.** São Paulo: Edições 70, 2019.

_____. **Origens:** História e Sentido na Religião. São Paulo: Edições 70, 1989.

GIMENES, M. G. G. **Passagem:** um desafio ao amor. São Paulo: Portalis, 2002.

HALL, James, A. **A Experiência Junguiana:** Conceitos Fundamentais Sobre Análise Clínica e o Processo de Individuação. São Paulo: Cultrix, 2022.

JAMES, William. **Variedades da experiência religiosa:** um estudo sobre a natureza humana. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

JONAS, Hans. **The Gnostic Religion:** The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity. Beacon Press (MA), 2001.

JUNG, Carl Gustav. **Aion:** estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Volume 9/2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013a.

_____. **Psicologia e Religião:** psicologia e religião ocidental e oriental. Volume 11/1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

_____. **O Eu e o Inconsciente:** dois escritos sobre psicologia analítica. Volume 7/2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** Volume 9/1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014a.

_____. **Psicologia do inconsciente:** dois escritos sobre psicologia analítica. Volume 7/1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014b.

_____. **Psicologia e Alquimia.** Volume 12. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012b.

_____. **A Energia Psíquica:** a dinâmica do inconsciente**.** Volume 8/1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013b.

MÓNICO, L. **Religião, espiritualidade e saúde:** funções, convivências e implicações. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 19, n. 60, p. 951, 31 dez. 2021.

OTTO, Rudolf. **O sagrado.** Edições 70: São Paulo, 2024.

PANZINI, Raquel Gehrke.; BANDEIRA, Denise Ruschel. **Coping (enfrentamento) religioso/espiritual.** Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 34, p. 126 - 135, 2007.

REZECK, Fábio. **A doença e o enfrentamento religioso em mulheres com câncer de mama.** 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RODRIGUES, M. O.; OLIVEIRA, G. T. A. **Espiritualidade e Psicoterapia:** Aspectos da Prática Clínica. In: Discussões em psicologia: Reflexões acadêmicas no contexto de formação. Guimarães Júnior, E. S.; Moreira, A. M.; Alvim, G. C. T. (orgs.). Paraná: Editora CRV, 2024.

SHAMDASANI, Sonu. **A Psicologia Analítica é uma religião?** In statu nascendi. The Journal of analytical psychology: 44(4), 539-545**,** 1999.

STEIN, Murray. **Jung:** o mapa da alma: uma introdução. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

_____. **Jung e o caminho da individuação:** uma introdução concisa. São Paulo: Editora Cultrix, 2020.

_____. **Os Quatro Pilares da Psicanálise Junguiana:** individuação; relacionamento analítico; sonhos; imaginação ativa: uma introdução concisa. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

TACEY, D. **O Compêndio Jung:** leituras essenciais da psicologia analítica. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

TILLICH, P. **Dinâmica da Fé.** Rio Grande do Sul: Editora Sinodal, 1985.

VERGUEIRO, Paola Vieitas. **Jung, entrelinhas:** reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema individuação em Cartas. Psicol. teor. prat. São Paulo , v. 10, n. 1, p. 125-143, jun. 2008.

VIDAL, J. **Descobrindo o Símbolo.** In: Dicionário dos Símbolos. Eliade, M. Couliano, I. P. (orgs.). Rio de Janeiro: Vozes, 2024.

VIEIRA, J. A. C.; SENRA, F. **Espiritualidade sem-religião:** o cultivo da qualidade humana. Síntese: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 47, n. 149, p. 605, 2020.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A busca do sentido:** entrevistas radiofônicas. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. **O Processo de Individuação.** In: O Homem e seus Símbolos. C. G. Jung (org.). Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.